



## **Metanoia - Movimento Católico de Profissionais**

Rua João de Freitas Branco, 12

1500-359 LISBOA

Tel. 21 722 84 09

[METANOIA.MCP@GMAIL.COM](mailto:METANOIA.MCP@GMAIL.COM)

[WWW.METANOIA-MCP.ORG](http://WWW.METANOIA-MCP.ORG)

### **Encontro de Lisboa**

9 de Janeiro de 2009

## **O PARAÍSO, JÁ !**

Ainda fará sentido falar do Paraíso? Precisamos de uma ideia de Paraíso para vivermos? Não será essa uma forma de alienarmos a vida tal como ela é?

A conversa que propomos animar e para a qual vos sugerimos a leitura do texto no verso desta carta não é sobre a geografia do Além (Paraíso; Limbo, Evo, Purgatório e Inferno), nem sobre os esquemas de recompensa. Nem mesmo sobre a nossa necessidade da Justiça de Deus que justifique o justo sofredor. Não. O que gostaríamos de conversar no nosso próximo encontro é mais sobre o Deus que será (é já?) tudo em todos.

Além do texto que recomendamos à vossa meditação vão também estas duas questões:

– O Paraíso: modo de ir mais fundo na vivência da realidade, ou fuga, evasão, alienação do presente e do sofrimento nele inscrito? Àqueles que acreditam na promessa do Paraíso será possível viver a sério o presente, a vida?

– Que experiências de busca e de vivência do Paraíso temos a partilhar?

Para isso, encontrar-nos-emos, como habitualmente, no Convento de S. Domingos, Rua João de Freitas Branco 12, ao Alto dos Moinhos, na sexta-feira, 9 de Janeiro: pelas 20h para quem vier jantar (haverá sopa e bebidas, e partilharemos o mais que cada um trouxer); a partir das 21.15h para o café, começando a reflexão conjunta às 21,30h, para terminarmos antes da meia-noite com uma oração.

Lá vos esperamos!

Jorge e Lucy

## O “GRANDE VAZIO” COMO A OUTRA FACE DO DESEJO DE DEUS

Tem-se dito muitas vezes que a cultura actual pós moderna se caracteriza pela perda de utopias. Viver sem utopias, porém, pode ser tão utópico como pretender experimentar apenas a fugacidade do presente, sem memórias do passado nem previsões do futuro. E, assim, é claro, o presente não é. Porque quando tomo consciência dele já não é, passou, e enquanto prevejo o futuro, ainda não é.

Por outro lado, as utopias espirituais têm-se mostrado, muitas vezes, inimigas da vida nos tempos em que se jogam as verdadeiras decisões. Assim, a posmodernidade, naquilo que tem de crítica contra as evasões utópicas, pode ter um papel profético. O vazio do presente não pode ser compensado com projecções futuras (pseudoescatologias) nem passadas (pseudotradições). **O vazio do presente tem de ser superado com a descoberta da plenitude presente.** O vazio não deve conduzir nem para um passado romântico nem para um futuro utópico, mas sim para **a profundidade do presente vivido.**

Poderíamos aplicar a isto aquelas palavras de Jesus ao avisar sobre a irrupção messiânica: “Olhai que já vos preveni. Por isso, se vos disserem: 'Ele está no deserto', não saiais; 'Ei-lo no interior da casa', não acrediteis. Porque, assim como o relâmpago sai do Oriente e brilha até ao Ocidente, assim será a vinda do Filho do Homem. Onde houver um cadáver, aí se juntarão os abutres.» (Mt, 24, 25-28)

**A experiência espiritual não consiste na renúncia ao presente, mas sim num apelo a ir ao mais fundo, agora.** A apologia da finitude poderia ser uma fuga para a superfície, a fim de reduzir a existência, tentando esvaziá-la de todo o significado que obrigasse a aprofundá-la até a transcender, porém também pode ser a outra face do desejo de Deus como a noite é a outra cara da terra iluminada pelo Sol. E assim a posmodernidade pode ser um sinal dos tempos, do qual o espírito interpela não em direcção às ilusões utópicas já superadas, do passado ou do futuro, mas em direcção **à esperança plantada no fundo do presente.** Certamente que somos finitos e o nosso mundo também. Não somos Deus; e devemos renunciar a sê-lo com a mesma lucidez com que Adão e Eva reconheceram a sua nudez (cf. Gen3,7). Nisso pode haver profetismo na medida em que renunciamos às projecções montadas por nós mesmos. E ficamos tal e qual somos, na nossa autonomia finita. Talvez não satisfeitos, porém conformados com aquilo que somos e que podemos ser para nós mesmos.

Agora falta que esta finitude, assumida sem escapismos, possa ser a mediação única possível pela qual podemos experimentar a irrupção do outro, de Deus como dom de si mesmo e não como uma imagem produzida pelo nosso desejo desesperado.

Uma coisa é assumir honestamente a nossa finitude e uma outra é absolutizá-la fazendo-a o ponto de referência último do ser e do não ser. Isso seria idolatria da finitude, pior que a idolatria das nossas imagens de Deus. A finitude como vazio pode ser um caminho de experiência espiritual que não é estranho na história do cristianismo. Karl Rahner falava de uma “existência sobrenatural” que recolhia uma grande tradição do “desejo natural de Deus”. **No coração da finitude há Deus que a transcende.** Como na “noite escura” de S. João da Cruz havia a luz.

Cassia Just

In “*Viure Amb Fe, Esperança i Caritat*”, Publicaciones de l'Abadia de Montserrat